

# Documentos da Gorongosa

## Bandidos e militares da RSA "amigos no passado e no presente"

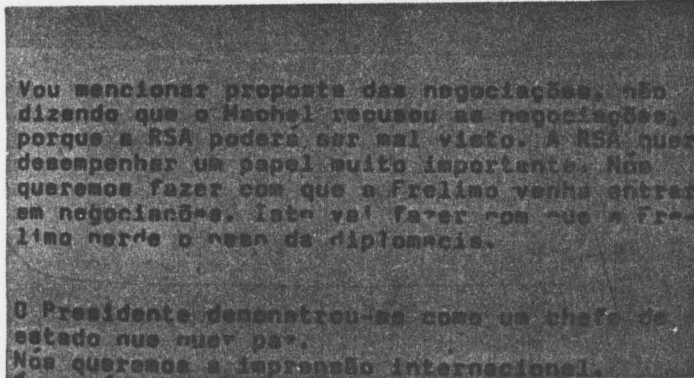
Certamente que o leitor estará lembrado da insistência com que, em fins do ano passado (faz precisamente agora um ano) correu o boato de que a Frelimo iria manter conversações com os bandidos armados.

A célebre declaração de 3 de Outubro, feita então pelo Presidente da República sul-africano, não apareceu senão depois de tentativas frenéticas de pôr o Governo moçambicano em negociações com os bandidos. Se algumas dúvidas restavam em algumas mentes sobre se houve ou não conversações, a leitura dos documentos da Gorongosa revela com clareza que tal maquinação dos sul-africanos caiu por terra a ponto de Louis Nel, ex-Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, ter afirmado o seguinte aos chefes dos bandidos, no dia 8/6/85, segundo relato escrito dos próprios bandidos:

«Vou mencionar proposta das negociações, não dizendo que o Machel recusou as negociações, porque a RSA poderá ser mal vista. A RSA quer desempenhar um papel muito importante. Nós queremos fazer com que a Frelimo venha a entrar em negociações. Isto vai fazer com que a Frelimo perca o peso da diplomacia.»

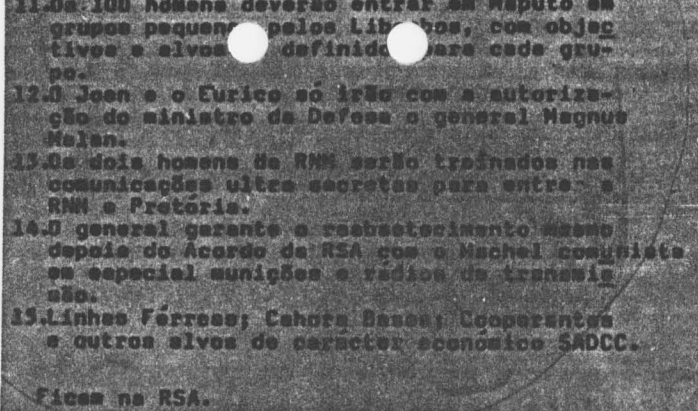
Louis Nel encontrava-se na Gorongosa numa das suas frequentes idas à «Casa Banana» para transmitir orientações. Dessa vez instruiu sobre as manobras diplomáticas que os ban-

didados deveriam fazer face às negociações entre o Governo moçambicano e o Governo sul-africano naquilo que viria a ser conhecido por Nkomati II, ou seja as movimentações que levariam à declaração de 3 de Outubro de 1984. Foi isso pouco antes de uma viagem do ex-Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros à Europa («Nós queremos impressão internacional» — dizia Louis Nel aos bandidos).

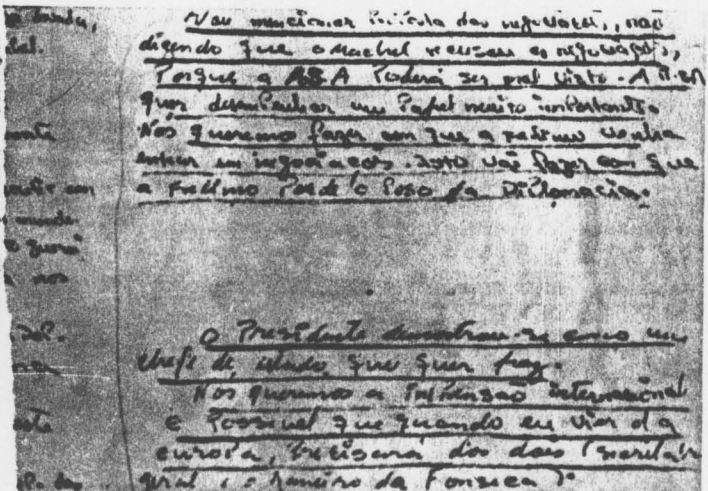
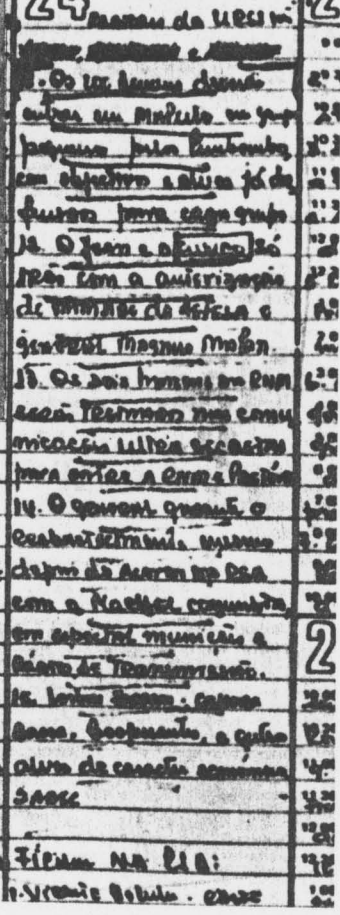


### «AMIGOS NO PASSADO E NO PRESENTE»

Louis Nel será o único «político» de que os bandidos falam bem ao longo dos documentos capturados. Porque há um ponto comum entre as declarações dos bandidos e as declarações dos militares sul-africanos, principalmente do Coronel Charles Van Niekerk da Inteligência Militar: é a contradição entre eles (militares) e aqueles a quem chamam de «políticos». Daí se consolida este casamento que leva Nel a afirmar aos bandidos que «nós fomos amigos no passado e hoje temos que ser amigos». Não espanta pois que o chefe dos bandidos, após conversa com aquele membro do Governo sul-africano venha a registar, numa atitude típica



de fantoche: Os conselhos que o ministro deu-me vou seguir de certeza, o nosso problema é da diplomacia.  
Tudo isto passava-se após a assinatura do Acordo de Nkomati, numa altura em que este acontecimento ainda era matéria de extensos artigos nos jornais de todo o mundo.  
Esta tergiversação sul-africana, havia, porém, começado durante as negociações finais de Nkomati. Pode-se ler nos documentos dos bandidos, referente a Fevereiro de 1984, dia 7: A reunião tida com o general estabeleceu o fornecimento de armas: massivo em 8 semanas porque a RSA vai deixar de dar a logística.  
Mas essa força só está com os militares sul-africanos porquanto o Pik Botha, Ministro dos Negócios Estrangeiros, é que está a pressionar os políticos sul-africanos a abandonarem



dade da RSA esteve tão por terra a nível interno e externo. Personalidades da área económica e financeira, sectores liberais e progressistas pedem ao Governo da RSA para abrir um inquérito à actividade dos militares e outros chegam mesmo a pedir a demissão do governo de Botha.  
Tudo leva a crer, porém, que as altas esferas militares gozam de uma certa impunidade talvez porque o Presidente da República sul-africano não se poder esquecer que foram esses sectores que o levaram ao poder quando ainda era Ministro da Defesa.